

O NOSSO PODER NÃO SE DIVIDE PORQUE É FRUTO DA UNIDADE DO POVO

-Presidente Samora Machel ao empossar quadros dirigentes do Estado, nas suas novas funções

O PRESIDENTE DO PARTIDO FRELIMO E PRESIDENTE DA REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE, SAMORA MOISÉS MACHEL, NA CERIMÓNIA DA TOMADA DE POSSE DE RESPONSÁVEIS DE ESTRUTURAS CENTRAIS E PROVINCIAIS DO APARELHO DO ESTADO, QUE TEVE LUGAR NA TARDE DE ONTEM, NA CAPITAL DO PAÍS, PRONUNCIOU UM DISCURSO, QUE PASSAMOS A TRANSCREVER-LO NA ÍNTEGRA:

Camaradas Membros do Comité Político Permanente do Comité Central do Partido FRELIMO

Senhores Membros da Comissão Permanente da Assembleia Popular

Senhores Membros do Conselho de Ministros
Minhas senhoras, meus senhores

Acabamos de proceder à mais importante remodelação governamental desde a proclamação da independência. Tomaram posse dez Ministros, três Vice-Ministros, quatro Governadores Provinciais e um Secretário de Estado.

As remodelações governamentais na nossa Pátria socialista têm sempre objectivos precisos, respondem às necessidades objectivas da consolidação e do avanço do processo revolucionário.

Dizemos sempre que a vitória se organiza. Uma das condições da organização da vitória é dispor-se do comando apropriado para as batalhas a travar.

O Comité Central do nosso Partido e a Assembleia Popular definiram esta década como a do crescimento decisivo da nossa agricultura, da sua mecanização. Década em que se erguem as bases da nossa indústria avançada. Esta é a Década do socialismo, da vitória contra o subdesenvolvimento, da resposta adequada às necessidades fundamentais do Povo.

Em primeiro lugar, era indispensável que membros do Comité Político Permanente assegurassem a direcção do aparelho do Partido, de maneira a que o Partido seja cada vez mais a força orientadora e impulsionadora do Estado e da Sociedade. Devemos dizer que o objectivo a atingir progressivamente é garantir que as tarefas de Secretários do Comité Central e de Chefes de Departamento sejam exercidas a pleno tempo.

O aparelho de Estado da classe operária e do seu aliado fundamental, o campesinato, é o instrumento fundamental do exercício do poder do nosso Povo e das transformações socia-

listas no nosso País. O Conselho de Ministros e os órgãos locais do poder do Estado são a força de direcção na execução da política do Partido.

A remodelação governamental visa colocar nos postos de comando dos diferentes sectores, os militantes mais apetrechados para assegurarem a sua direcção eficiente.

Igualmente ela pretendeu organizar melhor a distribuição de tarefas dentro do Conselho de Ministros. Nesse sentido, o Ministério dos Transportes e Comunicações deu origem a dois novos Ministérios, e foi criado o Ministério da Segurança. Redefinimos o estatuto do Comissário Político Nacional das Forças de Defesa e Segurança, do Governador e Vice-Governador do Banco de Moçambique e determinámos que a Comissão Nacional das Aldeias Comuns seja dirigida por um Secretário de Estado.

Na Província de Sofala encontra-se a segunda zona industrial e urbana do nosso País. A Província de Sofala e, nomeadamente, o porto da Beira constitui um dos principais eixos para a comunicação entre a África Austral e o mundo. A Província de Sofala, no quadro da estratégia do inimigo para dividir a nossa Pátria e para conter o triunfo do socialismo na África Austral, constituiu, quer durante a guerra colonial, quer durante a guerra dos racistas rodesianos, uma zona privilegiada de agressão e de subversão.

Por isso, decidimos a nomeação de um membro do Comité Político Permanente do Partido para a nova tarefa de Ministro Residente na Província de Sofala.

Estas medidas situam-se no quadro da ofensiva, preparam a vitória desta década.

Nomeámos dirigentes. Dirigentes que vão encabeçar a luta contra a negligência, a incompetência, a infiltração, a sabotagem. Dirigentes que vão empreender o árduo combate contra o esbanjamento e o burocratismo, que vão fazer do Aparelho de Estado o órgão flexível e operacional da ditadura da nossa classe.

Para se ser dirigente, não se pode ignorar o que se dirige. Só se dirige aquilo que se conhece. O dirigente conhece as coisas, apreende os fenómenos nas suas origens e consequências, planifica as transformações, organiza e perspectiva o desenvolvimento.

O dirigente é aquele que tem a coluna vertebral flexível, não rígida.

O dirigente é aquele que olha horizontalmente e verticalmente. Aquele a quem não escapa nenhum pormenor do problema. Aquele que sabe olhar e ver todos os cantos da sua casa. É este conhecimento que lhe confere autoridade política que o capacita a efectivamente dirigir os homens, e incute respeito e confiança nos seus subordinados.

O dirigente selecciona os homens, sabe vê-los nas suas potencialidades, apoia e incentiva o seu crescimento. Ele forma quadros. Este é o dirigente que queremos.

É mau dirigente aquele que se confina a visões sectoriais, que não vê a sociedade e a economia no seu conjunto. É mau dirigente aquele que improvisa sistematicamente, aquele que é incapaz de distribuir tarefas e confiar responsabilidades aos seus subordinados. É mau dirigente o que se rodeia de incompetentes e aduladores. É mau dirigente aquele que promove a divisão no seio dos seus subordinados criando entre eles a corte dos favoritos e o grupo dos malvistas e malqueridos. É mau dirigente aquele que se sente complexo perante um subordinado com maior experiência e competência técnica. É mau dirigente o que se recusa a aprender e persiste na ignorância das leis objectivas do desenvolvimento económico e social e, face ao fracasso, se refugia em slogans vazios. É mau dirigente aquele que não sabe lidar com o rendimento devido dos homens e com eles não sabe trabalhar em equipa. É mau dirigente o que improvisa decisões e foge à tomada de decisões no momento adequado.

O dirigente garante a pureza das fileiras do nosso Estado de operários e camponeses e a realização dos interesses do Povo. Ele é responsável no sentido global do termo, em cada momento, e em cada lugar. É responsável 24 horas sobre 24 horas e cada dia do ano.

Confiamos ao dirigente o martelo do poder. Cabe-lhe utilizar correctamente a força que se concentra na cabeça do martelo. Cabe-lhe organizar o comprimento do cabo que torna a cabeça contundente e capaz de fazer penetrar o maior prego na madeira mais dura.

Organizar o cabo é trabalhar de maneira organizada, é trabalhar em colectivo, é fazer assumir aos subordinados a natureza política e a dimensão da tarefa. Assim o subordinado é individualmente responsabilizado, sabe quais são as suas tarefas e prazos, e que contas deve prestar.

Estão a entregar o martelo. Os Ministros, os Vice-Ministros, os Governadores, os Secretários de Estado recebem este martelo do nosso Povo. Perante a Direcção do Partido, perante a Assembleia Popular, perante o Presidente da República, perante o Conselho de Ministros, deverão assumir as suas responsabilidades, e responder-nos como estão a utilizar o martelo que lhes

confiamos.

O poder não existe apenas ao nível dos órgãos centrais. Não se prestam contas apenas ao nível dos órgãos centrais. O poder tem que estar organizado e ser exercido na cooperativa, na fábrica, na Aldeia Comunal, no Distrito, na Província. Tem que ser exercido pelo Ministro, pelo Governador, pelo Secretário de Estado, pelo Director Nacional, pelo Presidente do Conselho Executivo, pelo Director da empresa, pelo presidente da Cooperativa.

O nosso poder não se divide, não se dilui. O nosso poder exerce-se em diferentes níveis de uma forma unitária.

Porque o nosso poder é fruto da unidade do Povo, não se divide.

O que é ganho pelo Povo não se divide.

Não se divide a vontade, o desejo e a força do Povo.

Em cada escalão o poder exerce-se em íntima articulação com os escalões inferiores e superiores.

O nosso poder é só um, porque a força que o anima tem uma só origem: a Força do Povo, o poder da classe operária e do seu aliado, o campesinato.

O nosso poder é só um porque os objectivos que ele persegue em todos os escalões em que se exerce são os mesmos: vence o subdesenvolvimento, vence a fome, a nudez, a ignorância, o desemprego, a miséria, edifica o socialismo.

Este objectivo que perseguimos, esta força de que estamos investidos são os fundamentos da nossa acção em todos os níveis.

O Conselho de Ministros, os Governos Provinciais, os Conselhos Executivos existem para dirigir, materializando em cada momento a força da nossa classe e os objectivos de desenvolvimento do nosso País.

Em cada escalão os órgãos de Direcção do nosso Estado agem com iniciativa para aplicar criadoramente as orientações do Partido, agem para criar o bem-estar, para eliminar a fome, a nudez, a ignorância; agem para atingirmos níveis cada vez mais altos de organização, de disciplina, de engajamento revolucionário na realização das metas do Plano.

Nas sessões do Comité Político Permanente, no Conselho de Ministros e na reunião popular de 18 de Março, tirámos conclusões da primeira fase desta nossa ofensiva.

Verificámos, durante a ofensiva, insuficiências de estruturas e insuficiências de pessoas. Verificámos também acções criminosas, resultantes da infiltração e sabotagem.

Tivemos já ocasião de analisar as causas e as consequências destas situações. Cabe agora agir.

O Povo, os trabalhadores, os quadros apoiarão os seus dirigentes na organização de uma disciplina de ferro. O Povo, os trabalhadores, os quadros apoiarão os seus dirigentes na purificação necessária que é preciso realizar permanentemente em todas as estruturas do Aparelho de Estado.

Cabe aos dirigentes dirigir, dinamizar este processo, para garantir o aumento da produção e produtividade, condição fundamental para assegurar a melhoria do nível de vida do nosso Povo.

Reforçámos o nosso Aparelho de Estado.

Alargámos o Conselho de Ministros, reforçando a sua capacidade de acção directa, sobre a vida económica e social.

Estabelecemos novas áreas específicas de direcção no seio do Governo, tornando assim mais operacional a função directiva do Conselho de Ministros.

Trouxemos novos quadros para a direcção do Estado, quadros forjados e temperados nas grandes batalhas de classe que travámos durante estes últimos cinco anos.

Eles representam as conquistas do proletariado moçambicano, o avanço da revolução socialista na nossa Pátria, a capacidade que o Partido FRELIMO tem em criar continuamente novas forças que assegurem o crescimento da revolução.

Não dizemos parabéns. Não é tradição nossa fazê-lo, porque sabemos bem como é dura a tarefa confiada.

Sabemos que no cumprimento do vosso dever, para a realização da vossa missão, estamos a aumentar a exigência que é feita a cada um. Sabemos que assumirem as vossas responsabilidades significará muitas vezes sacrifício de saúde, sacrifício da vida familiar.

Desejamos apenas bom trabalho, boa saúde.

**A LUTA CONTINUA!
O SOCIALISMO TRIUNFARÁ!**

(De: "Notícias", Maputo, 1980-04-09)